

alvos terapêuticos que possibilitem a criação de novos fármacos para doenças de base inflamatória.

Selecionados em duas chamadas públicas de propostas lançadas em 2014, os projetos receberão investimentos da ordem de R\$ 88,4 milhões para o desenvolvimento de estudos ao longo dos próximos dez anos. Desse montante, a FAPESP e a GSK vão compartilhar R\$ 34,6 milhões. Outros R\$ 53,7 milhões serão investidos pelas instituições-sede.

A FAPESP tem feito um grande esforço para ampliar as atividades acadêmicas de modo a beneficiar a indústria e a sociedade. Temos assinado acordos de parceria com empresas. Este com a GSK parece particularmente interessante, pois o Instituto Butantan tem grande tradição de pesquisa, assim como a UFSCar", disse o presidente da FAPESP, José Goldemberg, durante o evento em que foram anunciados os projetos escolhidos.

Cesar Rengifo, presidente da GSK, contou que há cinco anos a empresa tomou a decisão de investir em países onde há ciência de qualidade, entre eles o Brasil, e para isso criou o programa Trust in Science. "Hoje confirmamos nosso compromisso, pois nosso investimento no país vai aumentar em 50% nos próximos cinco anos. Nosso objetivo é, no futuro, lançar um produto orgulhosamente descoberto no Brasil", afirmou.

Segundo Rengifo, assim como a Argentina, o Brasil foi escolhido como parceiro-chave na América Latina por ter uma grande produção científica e contar com instituições como a FAPESP, "que conseguem articular a ciência de qualidade, de modo que os investimentos sejam canalizados para os lugares certos". "Nossa intenção é que o grande número de publicações brasileiras se transforme em ciência aplicada", disse o executivo em entrevista à Agência FAPESP.

Primeiro centro de pesquisa no Brasil no modelo "open science"

Identificar no genoma humano proteínas-chave para o desenvolvimento de novos medicamentos e descobrir como tornar plantas importantes para a agricultura mais resistentes à seca são os objetivos do recém-criado Centro de Biologia Química de Proteínas Quinases da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), cuja apresentação oficial ocorreu em 10-03-2015.

Apoiado pela FAPESP por meio do Programa Parceria para Inovação Tecnológica (PITE), o centro funcionará em um modelo de open science (acesso aberto ao conhecimento), integrando a rede do Structural Genomics Consortium (SGC), uma parceria público-privada que reúne cientistas, indústrias farmacêuticas e entidades sem fins lucrativos de apoio à pesquisa.

"O SGC mantém outros dois centros sediados na Universidade de Oxford (Inglaterra) e na Universidade de Toronto (Canadá), ambos dedicados a estudar proteínas de importância biomédica. Aqui na Unicamp pretendemos, além de avançar nessa área, aproveitar o conhecimento e a tecnologia desenvolvida em parceria com a indústria farmacêutica para aprender também sobre biologia de plantas", disse Paulo Arruda, professor de genética no Instituto de Biologia da Unicamp e coordenador da nova unidade brasileira.

Diante de um cenário de mudanças climáticas, no qual os eventos extremos devem se tornar mais frequentes, a meta é descobrir como aumentar a produção agrícola e, ao mesmo tempo, reduzir o consumo de água.

Para isso, as pesquisas terão como alvo um grupo de enzimas conhecidas como quinases que, por serem responsáveis por regular importantes processos tanto no organismo humano como em plantas – entre eles divisão, proliferação e diferenciação celular –, são consideradas potenciais alvos para o desenvolvimento de drogas.

O acordo assinado prevê um aporte de US\$ 4,3 milhões da FAPESP, além de US\$ 1,9 milhão da Unicamp e outros US\$ 1,3 milhão do SGC. Os resultados das pesquisas estarão disponíveis à comunidade científica mundial, sem o obstáculo imposto por patentes ou qualquer outro acordo de propriedade intelectual, como já ocorre nos outros dois centros de pesquisa do SGC.

De acordo com Arruda, as atividades do novo centro devem ter início em julho. A estrutura prevista para os primeiros cinco anos deve englobar entre 25 e 30 pesquisadores. "Mas sabemos que iniciativas como essas atraem bons estudantes e pós-doutorandos, então pode até se tornar maior. Qualquer interessado em estudar o assunto, de qualquer instituição, poderá se juntar ao grupo", disse.

Ao abrir a cerimônia de assinatura do acordo, o então presidente da FAPESP, Celso Lafer, classificou a iniciativa como um "grande mutirão em prol do avanço do conhecimento" e destacou que ela poderá ajudar a encontrar novos fármacos para doenças como câncer e Alzheimer.

O diretor científico da FAPESP, Carlos Henrique de Brito Cruz, disse que, desde o início das discussões para a criação do centro, a Fundação avaliou a proposta como "muito interessante", pois engloba atividades consideradas especialmente importantes para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia no Estado de São Paulo.

"Oferece oportunidade de fomentar pesquisas que vão levar a resultados de alto impacto intelectual, social e econômico. Além disso, cria oportunidades de colaboração internacional para pesquisadores de São Paulo. Por último, cria a oportunidade para os pesquisadores paulistas trabalharem em parceria com empresas", afirmou Brito Cruz.

"Trajetórias das desigualdades" O Brasil passou por um importante processo de redução de desigualdade entre 1960 e a primeira década deste século, com ganhos no acesso à educação, à renda e à maioria dos serviços públicos, entre eles a eletricidade e a coleta de lixo. No entanto, algumas desigualdades persistem expressivamente, como a cobertura de redes de esgotos, muito restrita às regiões mais ricas, a diferença de remuneração entre homens e mulheres e, principalmente, o acesso à renda e à educação entre brancos e não brancos (pretos e pardos).

Essas informações são parte de um retrato rico e complexo das mudanças pelas quais o Brasil passou no período mencionado, feito com base nos dados dos últimos seis censos demográficos produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O trabalho está reunido no livro *Trajetórias das desigualdades – Como o Brasil mudou nos últimos 50 anos* (editora Unesp).

O plural do título indica um importante aspecto do estudo: a preocupação em não restringir a análise da desigualdade à dimensão das diferenças de renda. O grupo de pesquisadores ampliou a abordagem englobando outros parâmetros de desigualdades, como as existentes entre regiões do país ou entre gêneros, desdobradas em diversos aspectos da vida social – da religião à estrutura familiar, da migração à participação política.

"A desigualdade é um fenômeno multidimensional", diz a organizadora do livro, Marta Arretche, professora de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e diretora do Centro de Estudos da Metrópole (CEM) – um dos Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão (Cepid) apoiados pela FAPESP –, local onde nasceu a iniciativa do estudo desses censos.

Leeds-Lyon Symposium on Tribology (LLST) A otimização dos motores flex-fuel tornou-se um urgente desafio tecnológico no momento em que o etanol veicular se afirma, cada vez mais, como alternativa para a redução das emissões de CO2 e outros poluentes.

No Brasil, quase 90% dos veículos leves licenciados em 2014 já dispunham da tecnologia flex-fuel. E, embora de forma menos vigorosa, a transição dos combustíveis fósseis para os biocombustíveis está em curso em muitos outros países, principalmente por meio do aumento do percentual de etanol acrescentado à gasolina.

Nesse contexto, os trabalhos apresentados por pesquisadores brasileiros no Leeds-Lyon Symposium on Tribology (LLST) de 2015 mostraram o quanto o país avançou no estudo dos impactos causados nos motores pelos biocombustíveis. "O Laboratório de Fenômenos de Superfície (LFS) da Escola Politécnica

da Universidade de São Paulo (Poli-USP) é, atualmente, um dos centros de investigação líderes no setor", disse Tiago Cousseau, um dos pesquisadores do LFS presentes no LLST.

A edição de 2015 do Leeds-Lyon reuniu mais de 300 pesquisadores de vários países.

As pesquisas do LFS são apoiadas pela FAPESP por meio do projeto "Desafios tribológicos em motores flex-fuel", integrado aos programas Pesquisa em Bioenergia (BIOEN) e Pesquisa em Parceria para Inovação Tecnológica (PITE). As instituições parceiras no projeto são a Petrobras, as montadoras de veículos Fiat, Renault e Volkswagen, as empresas de autopeças Mahle e Tupy, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a Universidade Federal do ABC (UFABC), além da própria USP.

PITE e PIPE: Programas de Parceria com empresas O PITE - Programa de Apoio à Pesquisa em Parceria para Inovação Tecnológica destina-se a financiar projetos de pesquisa em instituições acadêmicas ou institutos de pesquisa, desenvolvidos em cooperação com pesquisadores de centros de pesquisa de empresas localizadas no Brasil ou no exterior e co-financiados por estas. O Programa tem como objetivo intensificar o relacionamento entre universidades/institutos de pesquisa e empresas, por meio da realização de projetos de pesquisa cooperativos e co-financiados.

O PIPE - Pesquisa Inovativa em Pequenas Empresas, apoia a execução de pesquisa científica e/ou tecnológica em micro, pequenas e médias empresas no Estado de São Paulo. São objetivos do PIPE: 1) Apoiar a pesquisa em ciência e tecnologia como instrumento para promover a inovação tecnológica, promover o desenvolvimento empresarial e aumentar a competitividade das pequenas empresas; 2) Incrementar a contribuição da pesquisa para o desenvolvimento econômico e social; 3) Induzir o aumento do investimento privado em pesquisa tecnológica; 4) Possibilitar que as empresas se associem a pesquisadores do ambiente acadêmico em projetos de pesquisa visando à inovação tecnológica; 5) Contribuir para a formação e o desenvolvimento de núcleos de desenvolvimento tecnológico nas empresas e para o emprego de pesquisadores no mercado.

No dia 9 de dezembro, a FAPESP anunciou os 46 projetos aprovados na terceira chamada de 2015 de propostas do Programa Pesquisa Inovativa em Pequenas Empresas (PIPE). Em 2015 o PIPE completou 18 anos de existência em pleno processo de expansão a regiões distintas do estado de São Paulo.

Essa descentralização, fruto das parcerias firmadas com a indústria e também de um amadurecimento da cadeia envolvida no processo de inovação, "evidencia o potencial paulista na área", disse o diretor científico Carlos Henrique de Brito Cruz ao anunciar as empresas selecionadas, entre as quais 11 eram nascentes e ainda estavam em fase de constituição formal.

O PIPE foi um programa pioneiro criado pela FAPESP em 1997 para apoiar a pesquisa em ciência e tecnologia, o desenvolvimento empresarial e aumentar a competitividade das pequenas e médias empresas. Desde então foram financiados 1.461 projetos, dos quais cerca de 25% provinham de empresas nascentes, com desembolso total aproximado de R\$ 180 milhões.

Em 2015, o dispêndio com os programas PITE e PIPE foi o maior da história da FAPESP, alcançando R\$ 43 milhões.

Novo centro de pesquisa em São Paulo deve ampliar gás natural na matriz energética

Para contribuir com a ampliação da participação do gás natural na matriz energética brasileira e com a mitigação das emissões de gases de efeito estufa nas próximas décadas, entre outros objetivos, a FAPESP e a BG Brasil, empresa do BG Group, criaram o Centro de Pesquisa para Inovação em Gás Natural, com sede na Universidade de São Paulo (USP).

O investimento da FAPESP será de R\$ 27 milhões e o da BG Brasil de R\$ 30 milhões. Cabe à USP uma contrapartida na forma de apoio institucional e administrativo aos pesquisadores envolvidos.

A iniciativa foi apresentada no dia 1º de dezembro na sede da FAPESP, com a participação de representantes do poder público, da indústria e da comunidade científica.

O Centro de Pesquisa para Inovação em Gás Natural terá sede na Escola Politécnica (Pol) da USP e será coordenado por Julio Meneghini, professor da instituição, e Alexandre Breda, gerente de Projetos Ambientais do BG Group. A proposta foi selecionada no âmbito de chamada conjunta da FAPESP e da BG Brasil e as pesquisas serão conduzidas em parceria entre pesquisadores da Poli, dos institutos de Energia e Ambiente (IEE) e de Química (IQ) da USP de São Carlos, da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (Ipen) e de engenheiros da BG Brasil.

Também são instituições associadas à iniciativa o Sustainable Gas Institute do Imperial College London, a University College London, a University of Cambridge e a University of Leeds, todos no Reino Unido; a University of Illinois at Urbana-Champaign e a Texas A&M University, nos Estados Unidos; a Technische Universität Darmstadt, na Alemanha; e a Université de Lyon, na França.

Para José Goldemberg, presidente da FAPESP, trata-se de um marco da participação brasileira no que ele chamou de "revolução energética global".

"O mundo vive uma revolução que deve culminar no amplo desenvolvimento de fontes renováveis de energia, mas nós ainda não chegamos lá. Nesse cenário, o gás natural se apresenta como uma transição por ser o mais limpo dos combustíveis fósseis. A FAPESP, ao lado da BG Brasil, financia uma iniciativa de proporções compatíveis com os desafios e os potenciais que São Paulo tem de gerar energia limpa. A Fundação acredita no papel do conhecimento científico nessa revolução", declarou.

Para Adam Hillier, diretor de Tecnologia do BG Group, a criação do Centro de Pesquisa para Inovação em Gás Natural poderá prover soluções importantes a todos os parceiros envolvidos.

"A expertise do BG Group em gás natural está se unindo a esforços de pesquisa de diferentes áreas nas quais São Paulo é líder no cenário científico global. Dessa forma, a parceria tem o potencial de desenvolver pesquisa brasileira de classe mundial e proporcionar aplicações reais na indústria, como no pré-sal e no enfrentamento de desafios muito particulares, como o aumento da eficiência e o desenvolvimento de novos conceitos de propulsão híbrida para frotas de navios de metano."

Ricardo Toledo Silva, secretário adjunto de Energia e Mineração do Estado de São Paulo, destacou na ocasião a importância do gás natural frente aos desafios que as fontes renováveis de energia ainda enfrentam.

"É urgente o crescimento das fontes renováveis na matriz energética, mas elas ainda enfrentam um problema em comum que é o de interrupção – como a biomassa, cuja disponibilidade é sazonal, e as energias solar e eólica, sujeitas a ciclos diários de instabilidade. Há várias áreas de pesquisa interessadas em resolver esses problemas e em desenvolver soluções para, por exemplo, estocar o acúmulo da energia gerada. Até lá, é de extrema importância o investimento no crescimento do gás natural como uma fonte de transição para a demanda energética."

Cooperação De acordo com Carlos Henrique de Brito Cruz, diretor científico da FAPESP, a parceria entre a instituição e a BG Brasil ampliará a competitividade do Estado de São Paulo na área por meio da cooperação entre diferentes setores.

"Além de tornar a matriz energética brasileira, em particular a paulista, ainda mais alinhada às políticas que propiciem uma substancial diminuição das emissões de gases de efeito estufa, o esforço conjunto que levou à criação do Centro de Pesquisa para Inovação em Gás Natural envolve pesquisadores da universidade e da indústria e um pool de estudantes em uma rede de conexões internacionais de grande importância ao desenvolvimento do conhecimento científico. Este é um diferencial da parceria: não se trata de uma companhia utilizando pesquisadores da universidade, mas de cientistas trabalhando juntos."

Implante craniofacial de titânio

Uma prótese de titânio feita sob medida transformou a vida da estudante Jessica Alves Farias Cussoli, de 23 anos. Após um grave acidente em setembro de 2014, em Araçatuba, interior de São Paulo, quando caiu da moto e bateu a cabeça em uma caçamba de entulho, Jessica teve afundamento profundo na lateral direita do crânio, em uma região que começa nos olhos e vai até o alto da cabeça.

Oito meses depois, no dia 26 de maio, ela se tornou a primeira paciente a receber um implante craniofacial de titânio no Brasil, procedimento feito no Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas (HC-Unicamp).

A fabricação da prótese feita sob medida pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Biofabricação (INCT-Biofabris), sediado na Unicamp e financiado pela FAPESP e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), faz parte de um longo processo de pesquisa e desenvolvimento multidisciplinar iniciado em 2009.

Além da Unicamp, participam do Biofabris as universidades de São Paulo (USP), as federais de São Paulo (Unifesp) e do Rio Grande do Sul (UFRGS), o Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (Ipen) e o Centro de Tecnologia da Informação Renato Archer (CTI), entre outras instituições. "Trabalhamos no desenvolvimento de polímeros, biopolímeros, materiais metálicos e cerâmicos, destinados a diversas aplicações", diz o engenheiro químico Rubens Maciel, professor da Faculdade de Engenharia Química (FEQ) da Unicamp e coordenador do Biofabris.

Cooperação Internacional A FAPESP conta com um grande número de acordos com agências de fomento, instituições de pesquisa e empresas estrangeiras, para selecionar e cofinanciar pesquisas colaborativas. As oportunidades de financiamento relacionadas a cada um desses acordos, de um modo geral, são de dois tipos:

a) Acordos oferecendo financiamento inicial ("seed fund"), principalmente para intercâmbio de pesquisadores e estudantes e para pequenos seminários. Neste caso, o parceiro estrangeiro é geralmente uma universidade ou uma instituição de pesquisa.

b) Acordos que oferecem financiamento pleno para projetos de pesquisa selecionados pela FAPESP e pela agência ou empresa parceira. Neste caso, o parceiro estrangeiro é geralmente uma agência de fomento ou um laboratório industrial de pesquisa.

Alguns dos mais importantes avanços na ciência e no desenvolvimento de novas tecnologias, obtidas nos últimos anos, são temas de debates durante os Simposios realizados nas várias versões da FAPESP Week.

A FAPESP é uma fundação financiada pelo contribuinte público que tem a missão de apoiar a investigação em todas as áreas do conhecimento dentro do Estado de São Paulo, Brasil. No entanto, a FAPESP está ciente de que a pesquisa de excelência pode ser obtida com a parceria entre os pesquisadores brasileiros e os melhores pesquisadores a nível internacional. Por isso, estabeleceu parcerias com agências de fomento, empresas, ensino superior e organizações de pesquisa em outros países conhecidos pela qualidade de suas pesquisas e tem encorajado os cientistas financiados por seus subsídios para desenvolver ainda mais a sua colaboração internacional. Os simposios denominados FAPESP Week tem sido a maior expressão do esforço em aproximar esses pesquisadores.

FAPESP WEEK Buenos Aires A FAPESP e o Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Conicet), da Argentina, promoveram, entre 7 e 10 de abril, a FAPESP Week Buenos Aires.

O simpósio teve como objetivo fortalecer vínculos entre pesquisadores do Estado de São Paulo e da Argentina, a fim de promover a cooperação em estudos em diferentes áreas.

O Conicet é o principal organismo voltado à promoção da ciência e da tecnologia na Argentina. Suas atividades são desenvolvidas em cinco grandes áreas: ciências agrárias, engenharia e materiais; biologia e saúde; ciências exatas e naturais; sociais e humanidades; tecnologia.

Entre as atividades realizadas na FAPESP Week Buenos Aires está uma mesa-redonda que abordou as grandes colaborações existentes com a participação dos dois países, como o projeto Large Latin American Millimeter Array (Llama), que será um dos observatórios astronômicos mais altos do mundo, nos Andes argentinos, perto da fronteira com o Chile.

Ocorreram, também, mesas-redondas sobre a percepção pública e a divulgação de ciência, sobre os desafios da educação superior e sobre a integração universidade-empresa.

Energia, alimentos funcionais, história, integração latino-americana, saúde, informação quântica, nanociências e nanotecnologia também foram temas abordados pelas palestras.

As FAPESP Weeks vêm sendo realizadas pela Fundação desde 2011, em vários países, para promover o encontro multidisciplinar de pesquisadores paulistas com os de outras nacionalidades e divulgar no exterior a ciência realizada em São Paulo. Já houve edições do evento no Reino Unido, Japão, Espanha, Estados Unidos, China, Canadá e Alemanha.

FAPESP WEEK UC Davis A FAPESP Week UC Davis em Brasil foi realizada nos dias 12 e 13-05-2015 no Espaço Apas, em São Paulo.

O evento – organizado pela FAPESP e pela University of California, Davis – deu continuidade à série de simposios FAPESP Week, realizada desde 2011 em diversos países para estimular colaborações internacionais em pesquisa.

Em São Paulo, o encontro reuniu cientistas da universidade californiana e de instituições no Estado de São Paulo para apresentação de resultados de pesquisas em diversas áreas do conhecimento.

Foram realizadas sessões científicas em "Neurociências", "Pesquisa em Câncer", "Partículas e Matéria", "Ciências de Materiais e Química", "Alimentos e Agricultura", "Água e Energia" e "Colaborações e Oportunidades".

Participaram da sessão de abertura Celso Lafer, então presidente da FAPESP, Harris Lewin, vice-chanceler para Pesquisa da UC Davis, e Carlos Henrique de Brito Cruz, diretor científico da FAPESP.

Entre os palestrantes da UC Davis no primeiro dia, os professores Cam Carter, diretor do Imaging Research Center, falou sobre "Integrated Neuroscience as a Foundation for Translational Research"; Laura Marcu, do Biophotonics Laboratory, abordou o tema "Fluorescence Lifetime Techniques for Intraoperative Guidance of Surgery"; e Robert Svoboda, do Physics Department, "The Neutrino Physics and Dark Matter Research Program".

A palestra do professor Ernesto Kemp, da Unicamp, foi sobre "Experimental Neutrino Physics in Brazil". Edgar Dutra Zanotto, professor na UFSCar e diretor do Centro de Pesquisa, Educação e Inovação em Vidros (um CEPID-FAPESP), falou sobre "Open challenges in structure, dynamics, crystallization, and properties of glasses".

No segundo dia, entre os pesquisadores do Estado de São Paulo, Bernadette Franco, da USP e do Centro de Pesquisa em Alimentos (outro CEPID-FAPESP), abordou o tópico "Food safety issues in international trade"; Luiz Antonio Martinelli, do Centro de Energia Nuclear na Agricultura (Cena-USP), "Is it possible to conciliate agriculture and environmental preservation in Brazil?"; e Patrícia Fernanda do Pinho (USP), "Complex Socio-Ecological Dynamics driven by extreme events in the Amazon".

Dos pesquisadores da Califórnia, Josette Lewis, do World Food Center, teve como tema "Innovating to address grand challenges across our food system". A palestra de Bennie Osburn, da School of Veterinary Medicine, foi sobre "One Health for Food Safety", e a de Graham Fogg, do Center for Climate Change, Water, & Society, sobre "Climate Change, Drought and Groundwater Sustainability: A New Era of Water Resources Management".

FAPESP WEEK BARCELONA As similaridades existentes entre São Paulo e a Catalunha, região mais desenvolvida e que concentra em torno de 25% da produção científica da Espanha, foram objeto de debates durante essa edição da FAPESP Week, que reuniu pesquisadores brasileiros e espanhóis nos dias 28 e 29 de maio em Barcelona, Capital da comunidade autônoma da Catalunha.

Realizado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) em parceria com os Centros de Recerca de Catalunya (CERCA), o evento reforçou as ligações entre cientistas de São Paulo e da Catalunha, fomentando parcerias para novas pesquisas, em diversas áreas do conhecimento, incluindo nanotecnologia, fônica, genômica e saúde.

Um debate sobre os impactos sociais da pesquisa também fez parte do programa. A FAPESP Week Barcelona aconteceu no Centro de Estudos Sant Pau, um edifício histórico que reúne diferentes instituições nas áreas de sustentabilidade, saúde e educação, com projetos e programas próprios, além de parcerias para estudos orientados ao enfrentamento de desafios sociais contemporâneos, por meio da interação entre setores acadêmicos, econômicos e sociais.

Desde 2011, a FAPESP mantém acordos de cooperação com instituições de ensino e pesquisa da Espanha, a fim de apoiar projetos de pesquisa desenvolvidos em conjunto por pesquisadores daquele país com seus pares no Estado de São Paulo, envolvendo intercâmbio de professores e alunos, em todas as áreas do conhecimento. A colaboração da FAPESP com a Espanha tem crescido em ritmo acelerado, e envolve atualmente acordos de cooperação com a Universidade de Girona (UdG), a Universidade Complutense de Madrid e a Universidade de Salamanca.

Com a Agência Estatal Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), a FAPESP mantém um memorando de entendimento com o intuito de apoiar a preparação conjunta de chamadas de propostas de pesquisa, promover o intercâmbio de pesquisadores e estudantes e apoiar o compartilhamento público de informações técnicas disponíveis e os resultados das investigações. Ao todo, já foram feitas três chamadas de propostas conjuntas de projetos de pesquisa, com 23 projetos aprovados e em andamento.

Com a Catalunha, que tem hoje 12 universidades, das quais nove públicas e três privadas, a perspectiva é de que o evento permita novos acordos de cooperação nos próximos anos. A região autônoma também possui 36 institutos universitários de pesquisa, 47 Centros de Pesquisa vinculados ao governo catalão por meio do CERCA, e 21 ao Conselho Superior de Pesquisas Científicas (CSIC, na sigla em espanhol).

SP Pesquisa Por meio de um termo de cooperação com a Fundação Padre Anchieta, a TV Cultura de São Paulo produziu e começou a exibir em 7 de março de 2015 o SP Pesquisa, uma série de 26 programas sobre a produção científica e tecnológica no estado de São Paulo, com reapresentação pela Univesp TV.

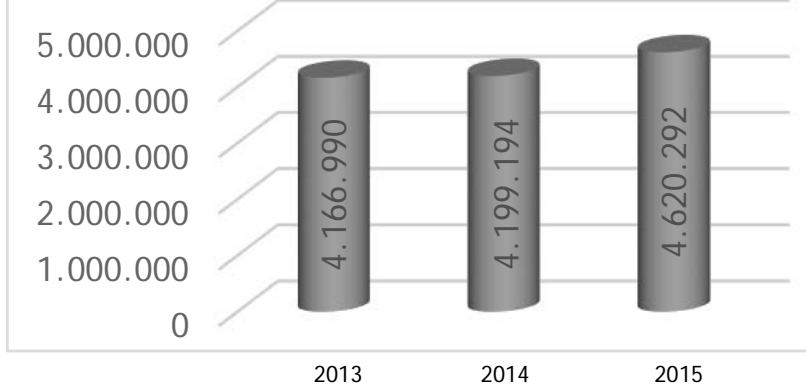
A produção leva ao ar o trabalho de pesquisadores que atuam em instituições paulistas e apresenta relações entre as pesquisas e o dia a dia da população, esclarecendo, de forma simplificada e com recursos visuais, conceitos relacionados às áreas abordadas.

Os programas apresentaram pesquisas sobre o riso, pássaros, microrganismos, origem do homem americano, novos materiais, cosmologia, tremores de terra no Brasil, grandes cidades, oceanos, climatologia, câncer, atividade solar, cardiologia, Amazônia, nanomedicina, produção de etanol, comportamento eleitoral, eleições, uso medicinal da biodiversidade brasileira, energia escura, entre outros temas.

10 anos da Biblioteca Virtual Em operação desde 2005, a Biblioteca Virtual (BV) da FAPESP completou dez anos em 2015, celebrados com um conjunto de palestras de especialistas que retrataram a expansão das bibliotecas digitais e virtuais em setores públicos e privados.

A BV é considerada um modelo de base referencial de acesso aberto. Reúne 200 mil registros de Auxílios à Pesquisa, Bolsas no País e Bolsas no Exterior concedidos pela FAPESP, mais de 58 mil registros de publicações científicas resultantes desse apoio e 18 mil registros de publicações acadêmicas (teses e dissertações), desde 1992.

## Visitas à Biblioteca Virtual



A BV disponibiliza, também, cerca de 100 mil páginas de pesquisadores apoiados pela FAPESP, além de 86 mil links para o Currículo Lattes, 10 mil links para o ResearcherID e 10 mil links para o Google Citation.

O acervo de informações inclui ainda o cadastro de 1.200 instituições-sede de pesquisa no Brasil e de 240 acordos e convênios firmados entre a FAPESP com entidades nacionais e internacionais.

São Paulo, 31-12-2015  
A Administração.